



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)Igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

## MULHERES EM CIRCULAÇÃO, MUNDOS EM MOVIMENTO: EXPERIÊNCIAS ENTRE CABO VERDE E ITÁLIA

Claudia Fioretti Bongianino  
Mestranda PPGAS, DAN, UnB  
fioretti.claudia@gmail.com

### Jogo de cenas

Dizem que a forma como se começa uma obra influi muito sobre seu desenrolar. Por isso, opto por começar esse texto com as palavras de uma querida amiga que fiz ao longo da minha pesquisa de campo em Nápoles:

Aninha, não te conheço de vista mas através da sua filha sei tudo sobre você. Sua história me parece como aquela de tantas mulheres cabo-verdianas. Por isso te digo que você é uma grande mulher...(Mimina, 2011. Livre tradução minha, texto original em italiano)

Essa é parte da dedicatória que Mimina escreveu no cartão que me deu, quando eu estava prestes a voltar ao Brasil. Trago-a como citação e inspiração, para guiar-me nessa tarefa de escrever um primeiro texto sobre minha experiência recente com algumas mulheres cabo-verdianas<sup>1</sup> na Itália. Assim, a argumentação que segue abaixo é uma reflexão inicial sobre inquietações – as quais podem ser chamadas de perguntas teóricas, hipóteses de pesquisa ou questões pessoais – que me acompanharam até a Itália, estiveram presentes nas minhas relações em campo e, nesse processo, ajudam a modelar minha dissertação. A frase de Mimina me parece boa para pensar pois traz, em um só tempo, a experiência da minha mãe e das minhas interlocutoras de pesquisa. Simultaneamente, sua frase me insere como elo entre experiências italianas e cabo-verdianas, levando-me a refletir sobre isso:

Annamaria saiu de sua cidade natal levando consigo apenas sua filha recém nascida e os principais bens (materiais e imateriais) das duas. Em seus documentos de identidade constavam a nacionalidade de ambas: italianas. O pai, que nunca participou muito da vida delas, permaneceu na Itália. Elas foram para o Brasil, onde Aninha (como passou a ser chamada frequentemente) trabalhou como tradutora de italiano/português e a filha aprendeu ambas as línguas, em casa e na escola. Mãe e filha telefonavam periodicamente para seus familiares na Itália e iam visitá-los sempre que possível, carregadas com presentes brasileiros. O sonho da mãe sempre foi voltar um dia definitivamente para sua cidade, mas apenas quando pudesse ter na Itália a qualidade de vida que tinha no Brasil. Por enquanto, sua

---

1 Faço notar que não utilizo o adjetivo *cabo-verdiana/o/s* da forma como ele é geralmente entendido, isto é, ele não necessariamente se refere a pessoas que nasceram em Cabo-Verde.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

prioridade era ficar perto da filha, Claudinha – a qual, se precisar ser definida, é uma italiana que, assim como sua mãe, sempre viveu no Brasil<sup>2</sup>.

Nos meses de fevereiro, março e parte de abril desse ano (2011), estive em Nápoles pesquisando mulheres de Cabo Verde que trabalham na Itália. Minha atenção estava voltada para as relações (familiares, amorosas e de amizade) que elas mantêm no arquipélago africano e que constroem na península europeia. Tendo ingressado no Programa de Pós Graduação em Antropologia Social da Universidade de Brasília com o intuito de desenvolver um trabalho com mulheres africanas na Itália (uma vez que nasci em Nápoles, onde moram meus tios maternos), encontrei na pesquisa de Andréa Lobo (2007) afinidades teóricas e pessoais, das quais não pude fugir, fazendo com que se instaurasse entre nós uma relação de orientação. Ela havia realizado sua tese de doutorado na ilha da Boa Vista, em Cabo Verde, atentando para as pessoas que ficam enquanto grande parte das mulheres vai para Roma e Nápoles, na Itália. Trata-se frequentemente de mães que moram longe de seus filhos, sonham em voltar para sua terra, mas ao mesmo tempo valorizam a experiência que têm no exterior pois lhes permite ser independentes e mantenedoras. De maneira semelhante, minha mãe havia saído de seu país para trabalhar no exterior. Mãe solteira, ela sempre sofreu com saudade de sua família, mas sempre viveu com orgulho sua experiência fora do país, que lhe possibilitava alcançar seus objetivos de uma vida melhor. Não me lembro da primeira vez em que me dei conta do paralelo existente entre minha mãe e as mulheres com quem trabalho na minha pesquisa de mestrado. Sei, porém, que esse paralelo emerge diversas vezes nas conversas que tenho com meus amigos (brasileiros, italianos e cabo-verdianos), sendo ora explicitado por mim, ora por meus interlocutores – como na caso da dedicatória de Mimina. Minha experiência de vida apresenta proximidades com as experiências das cabo-verdianas com quem convivi em Nápoles, fazendo com que eu tenha dificuldade em manter a objetividade e o distanciamento analítico que normalmente são esperados em pesquisas científicas. Tomando essa limitação como um princípio metodológico, busco refletir criticamente sobre migração, parentesco e etnologia africana a partir de três elementos: a produção antropológica sobre o tema; a etnografia realizada por Lobo (2007) em Cabo Verde; o encontro entre minha experiência de vida e a experiência de vida das cabo-verdianas que conheci

---

2 Narrativa elaborada a partir da história de vida de minha mãe e minha.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

etnograficamente na Itália.

Após ambientar o leitor com o contexto que eu encontrei em Nápoles (**Experiências italianas**), desenvolvo esse texto apresentando, primeiramente, a maneira como os fluxos de pessoas têm sido pensados pela antropologia, sob a rubrica de estudos de migração (**Experiências de fluxo**); posteriormente resumo os principais trabalhos acerca de Cabo Verde e dos Cabo-verdianos na Itália (**Experiências cabo-verdianas**); por fim, analiso duas entrevistas que realizei em Nápoles (**Cenas em Ato**) e reflito sobre a premissa, implícita no senso comum e em grande parte da teoria antropológica, segundo a qual os migrantes estão *fora de lugar* (**Vidas em Jogo**).

### **Experiências italianas**

Cidade portuária do sul do país, Nápoles é uma realidade a parte para a Itália e para a Europa. Pouco desenvolvida em termos econômicos, sociais e também de infraestrutura urbana, a cidade é famosa por suas belíssimas paisagens: arquitetura grega, romana e medieval (de estilo francês e espanhol) em meio a cenários de mar, montanha e vulcão. Ao mesmo tempo, porém, Nápoles é famosa pela *camorra*, rede criminosa mafiosa local, assim como pela ilegalidade, informalidade, criminalidade e violência. Em campo, fiquei hospedada na casa dos meus tios maternos, que moram na periferia. Por isso, meus principais companheiros de trabalho foram o metrô e o telefone, principalmente porque os cabo-verdianos não estão concentrados em um único lugar na cidade. Eu passava o dia rodando entre os vários bairros do centro, combinando encontros pelo celular e tendo também longas conversas telefônicas com as pessoas com quem tinha dificuldade em encontrar. Contudo, tive a sorte de fazer pesquisa com pessoas extremamente solícitas e simpáticas, que frequentemente me convidavam para dormir em suas casas (sobretudo porque se preocupavam que eu voltasse sozinha para a periferia da cidade<sup>3</sup>). Aceitava todos os convites que me eram feitos para passeios, eventos, reuniões e confraternizações, de modo a participar do maior número possível de atividades e situações cotidianas, convivendo com homens e mulheres de diferentes idades, em diferentes contextos (apesar de ter tido maior contato com mulheres, sobretudo da ilha da Boa Vista).

---

3 No último mês de pesquisa, ficava hospedada na casa de cabo-verdianos cerca de duas vezes por semana, geralmente de quinta para sexta e de sábado para domingo.



## Experiências de fluxo

De certa forma, a presença das cabo-verdianas na Itália pode ser pensada como parte um fenômeno único, geralmente abordado a partir das perspectivas teóricas dos estudos sobre migração e globalização. Conforme sintetiza Bálsamo (2009)<sup>4</sup>, é possível identificar três gerações desses estudos. A primeira foca a atenção nos sujeitos que se deslocam, utilitaristicamente, movidos por fatores de expulsão e de atração. A segunda, considera o migrante dentro do marco mais geral das estruturas econômicas de interdependência entre periferias e centros do capitalismo mundial. Por outro lado, a terceira geração atenta para as práticas e os processos pelos quais migrantes e não migrantes constroem campos ou espaços sociais que ligam os mundos e as instituições, entre as quais os Estados-Nação de origem e de chegada desses migrantes transnacionais (também chamados de transmigrantes ou, simplesmente, de transnacionais). As três gerações dos estudos de migração parecem diferenciar-se sobretudo em função das categorias de análise que adotam. Conforme aponta De Genova (2005) ao refletir acerca dos migrantes mexicanos em Chicago, denominar as pessoas que estão em trânsito de *i/e-migrante* (à maneira das duas primeiras gerações dos estudos migratórios) ou de *trans-migrantes* (à maneira da terceira geração) não parece implicar em opções teóricas distintas, tampouco em resultados de análise diferentes. As três gerações dos estudos migratórios apresentam o pressuposto comum ao pensar o migrante como pessoas *des-locada* (*dis-placed*), em outras palavras, *fora de lugar*:

Enquanto na configuração anterior presumia-se que não poderia haver nenhum outro destino para os migrantes mexicanos, exceto estabelecer-se definitivamente e 'tornar-se americano', na configuração posterior eles praticamente não chegam a fazer concretamente e significativamente parte da vida social nos EUA ou a envolver-se nela. Em um caso, na terra prometida, eles podem por fim prostrar-se de joelhos para beijar o chão; no outro, no próprio mundo virtual [transnacional], seus pés nunca parecem tocar o chão. De fato, o quadro analítico do deslocamento [*displacement*] oferece uma alternativa para a rubrica assimilacionista apenas na medida em que retoma a caricatura [...] da diferença incomensurável; por meio da premissa de que há um outro lugar autêntico no qual pessoas, culturas e territórios correspondem perfeitamente, os migrantes são retratados como estando literalmente fora de lugar e ao mesmo tempo contidos dentro de uma coerente realidade cultural delimitada que pertence a eles (: 99. Livre tradução minha, texto original em inglês).

---

4 Pilar (2009) foca sua análise no caso de pessoas que, viajando clandestinamente em navios de carga, saem da África e chegam na América do Sul.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

Em diálogo com a literatura, os fluxos que se verificam entre Cabo Verde e Itália constituem um caso de análise particularmente interessante. Em Cabo Verde os fluxos de pessoas, coisas e informações não se restringem ao mundo contemporâneo, tendo sido centrais ao longo da história do arquipélago. A migração é um componente substantivo da formação social de Cabo Verde, país no qual a população de residentes no exterior é maior do que o número dos cabo-verdianos que habitam o arquipélago. Num contexto onde as transferências financeiras realizadas pelos migrantes representam parte significativa do PIB nacional, a migração de cabo-verdianos para a Itália apresenta uma característica peculiar: ela é majoritariamente feminina (Carling & Batalha, 2008; Caritas, 2010). Nesse cenário, as mulheres que mudam-se de Cabo Verde para a Itália com o objetivo de realizar trabalhos domésticos são frequentemente pensadas como estando *fora de lugar*, no que tange ao Estado-Nação e ao parentesco, pois trata-se de cabo-verdianas na Itália e de mães distantes de seus filhos. No entanto, categorias como dentro e fora são necessariamente relativas, sendo mais pertinente tomá-las como perguntas do que como dados, mais como inquietações do que como pontos de partida. Atentando primeiramente para o fato de que Cabo Verde é um país caracterizado pelo fluxo e pela criouliização, o que significa ser cabo-verdiano? Significa nascer, viver e morrer num mesmo território geográfico? Além disso, tendo em vista que o parentesco não decorre necessariamente de vínculos biológicos, como o fato de estar longe dos membros da família que permanecem em Cabo Verde afeta a relação de parentesco entre eles e as mulheres que saem? A relação com todos os membros da família é afetada da mesma forma?

### **Experiências cabo-verdianas**

Na década de 60, a Itália vivia um *boom* econômico e uma carência de mão-de-obra no setor doméstico. Assim, religiosos capuchinhos que moravam na ilha de São Nicolau, em Cabo Verde, agiram como mediadores para as primeiras migrantes: por meio de contato com outros padres católicos em diferentes cidades italianas (mas sobretudo em Roma), eles conseguiam emprego para que jovens mulheres saíssem de Cabo Verde munidas de um contrato de trabalho e de documentos e de passagens pagas. A partir de então, o fluxo migratório de Cabo Verde para a Itália intensificou-se graças à *rede de ajuda e apoio entre mulheres*, criadas pelas primeiras migrantes, que facilitava a saída



de Cabo Verde e a chegada na Itália. Dessa forma, começaram a emigrar para a Itália também mulheres de outras ilhas, como São Vicente e Boa Vista (Lobo, 2007).

Esse projeto migratório, por seu caráter tanto individual quanto coletivo, gera um conjunto de expectativas compartilhadas. Espera-se que quando as emigrantes estiverem estabelecidas na Itália e com emprego fixo, elas ajudem os familiares que ficaram em Cabo Verde por meio de remessas em dinheiro, envio de encomendas (roupas, sapatos, utensílios domésticos) e viabilizando contatos para que outras mulheres também emigrem. O plano inicial é permanecer no exterior tempo o suficiente para construir uma casa em Cabo Verde, de modo a instaurar ali um negócio. Além disso, o ideal é retornar após a aposentadoria para usufruir dos direitos acumulados durante os anos de trabalho no exterior, se possível deixando um parente ou amigo trabalhando na Itália em seu lugar. Elas tendem a visitar periodicamente ao arquipélago no período de férias e geralmente mantêm o sonho de retornar definitivamente (ainda que nem sempre o concretizem).

Ainda hoje, a principal ocupação das migrantes de Cabo Verde na península italiana é o trabalho doméstico, a maioria delas tem entre 18 e 30 anos e habitam nas casas dos patrões italianos - embora muitas optem por trabalhar como diaristas e ter moradias autônomas. Geralmente, elas migram sozinhas, deixando seus filhos e companheiros em Cabo Verde e, diversas vezes, permanecem anos longe das próprias famílias - ou porque são migrantes ilegais (e se saírem da Itália não poderão voltar), ou porque não têm dinheiro suficiente para arcar com os custos<sup>5</sup> da viagem para seu país. Um dos fatores que influencia essa escolha é econômico, pois as despesas que um filho implica (como moradia, creche etc.) inviabilizaria os ganhos da imigração. Outro fator eram os preconceitos da sociedade italiana. Até a década de '90, ser mãe solteira era mal visto na Itália e o fato de muitas cabo-verdianas terem filhos mas não serem casadas podia levá-las a perder o emprego, fazendo com que muitas mulheres escondessem de seus patrões a existência de seus filhos:

a sociedade italiana, ainda muito atada a certos preconceitos, atribuía ao conceito de 'mãe de filho' uma conotação pejorativa, depreciativa. Era

---

5 Como mostram Lobo e Dias (In: Trajano Filho, 2010), os custos da viagem não se reduzem ao preço da passagem. De fato, quando as pessoas em Cabo Verde são informadas que as mulheres na Itália estão prestes a retornar ao arquipélago (definitivamente ou de férias), não tem constrangimento em pedir que elas lhes levem uma encomenda.



encarado como uma via para a prostituição, quando em Cabo Verde essa era e continua a ser uma figura normal” (Monteiro, 1997: 345)<sup>6</sup>

Conforme demonstra Andréa Lobo (2007, 2010), as mulheres são centrais no universo familiar cabo-verdiano e é a permanência de uma mulher que viabiliza a saída de outras: por meio de uma *rede de solidariedade entre as mulheres*, aquelas que ficam cuidam dos pais e dos filhos daquelas que emigram. Em Cabo Verde a criação de um filho é sempre um trabalho em *equipe*, do qual participam mãe, avó e outras mulheres, enquanto o pai permanece distante (ainda que ele esteja em Cabo Verde e a mãe não). Contudo, essa rede adquire maior força e centralidade quando a mulher emigra e seu filho permanece em Cabo Verde. Nesse contexto, cabe à avó ajudar a *cultivar o amor* entre as crianças e suas mães, cuja relação é mediada pela avó e pelas trocas materiais, cognitivas e emocionais que se instauram entre avós, filhos e mães. Em meio a uma experiência de vida familiar baseada em campos relacionais que ultrapassam a esfera local e tocam os aspectos sociais, econômicos e emocionais mais fundamentais da vida de seus membros, as relações familiares são vividas como um processo construído cotidianamente. As relações tendem a se fragilizar, mas podem não se afrouxar, pois a distância espacial não necessariamente diminui a proximidade das relações de parentesco.

### **Cenas em ato**

Perante esse amplo contexto, retomo minha questão inicial e volto a perguntar: até que ponto é possível dizer que essas cabo-verdianas que trabalham na Itália estão *fora de lugar*? Até que ponto elas são cabo-verdianas ou italianas? Qual a importância e a implicação de ser mulher nesse cenário? O que significa ser uma boa filha, irmã e mãe? Para tentar responder essas indagações, tomo como objeto de análise as entrevistas que realizei com Sheila e Fernanda<sup>7</sup>.

Conheci Sheila e seu filho, Stefano, no Consulado de Cabo Verde em Nápoles. O cônsul, extremamente gentil e disponível, se propôs a me ajudar na pesquisa

---

6 'Pai-de-filho' e 'mãe-de-filho' são categorias utilizadas na língua crioula para se referir à pessoa com quem se teve um filho e se mantém (ou manteve) um relacionamento afetivo de conjugalidade antes do casamento. Normalmente é apenas após anos de relacionamento que o homem casam-se formalmente, 'no papel', fixando-se com uma de suas 'mãe-de-filho', geralmente a primeira. Isso tende a ocorrer quando os filhos do casal já são adultos, havendo uma mudança no status dos cônjuges que depois de casados passam a ser denominados por meio das categorias de marido e esposa (Lobo, 2007).

7 As entrevistas foram realizadas em italiano, transcritas e traduzidas por mim.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

convidando-me para passar as tardes de quinta-feira<sup>8</sup> no consulado, onde tive a oportunidade de conhecer vários cabo-verdianos. Sheila me apresentou sua mãe Fernanda e entrevistei ambas separadamente e em ocasiões diferentes. Nos encontramos algumas poucas vezes e não tivemos oportunidade de ganhar intimidade (inclusive pelo meu limitado tempo em campo). Todavia, a história dessa família me parece interessante para pensar as questões que trago nesse texto. Conversei com Sheila na casa onde ela mora junto com seu filho (que estava na escola). Aproximadamente dez dias depois, conversei com Fernanda em um café. Sempre começava as entrevistas perguntando sobre a decisão de vir para Nápoles, traçando a rede de pessoas, em Cabo Verde e na Itália, que viabilizavam a decisão de migrar. Assim, conversávamos sobre os contatos que ela têm nos dois países, sobre a vida nos dois lugares, sobre as mudanças que elas viram em ambos os contextos, sobre o que elas perderam e ganharam, aprenderam e ensinaram, por fim, sobre os sonhos que tinham antes de migrar, os sonhos que têm hoje e sobre o que valorizam enquanto filhas, imãs, mães e mulheres.

Ambas nasceram em Cabo Verde, mas moraram mais tempo em Nápoles do que em sua ilha natal (São Vicente). Sheila é uma jovem de 32 anos, alta, magra e muito bonita. Fala italiano perfeitamente<sup>9</sup> e sonha em terminar a faculdade de Língua e Literatura Estrangeira, que abandonou em 2006, quando seu filho nasceu. Ela está na Itália há 17 anos e a mãe há 28. Fernanda (51 anos) foi trabalhar na Itália aos 22 anos, aconselhada por seu pai, Pedro, e sua irmã Ivone (que estava em Nápoles e lhe conseguiu um contrato para trabalhar *giorno e notte*<sup>10</sup> na casa de uma família italiana). Fernanda havia engravidado aos 18 anos e, desde então, teve que trabalhar para sustentar a filha. Ela não se casou com seu pai-de-filho, Eduardo, mas ele sempre ajudou com as despesas de

---

8 Como foi dito anteriormente, historicamente as tardes de quinta-feira são os dias de folga das cabo-verdianas na Itália. Ainda hoje, os migrantes (de Cabo Verde e de outros países) tentam alocar sua folga para a tarde de quinta-feira (independentemente do tipo de trabalho que desempenhem, doméstico ou não). Assim, esse é o dia de atendimento ao público da maioria dos órgãos italianos voltados para os migrantes (embaixadas, consulados, sindicatos, associações) e eram, para mim, dias muito movimentados e concorridos.

9 Todos os cabo-verdianos que conheci falavam italiano e os recém-chegados se esforçavam em aprender rapidamente e corretamente (fazendo questão de aprender italiano, não apenas *napolitano* – dialeto local).

10 Como foi dito anteriormente, historicamente a maioria das cabo-verdianas em Nápoles mora nas casas das famílias italianas onde trabalham. Esse tipo de arranjo laboral doméstico é denominado na Itália de *notte e giorno* (literalmente *dia e noite*). Outro arranjo possível é trabalhar *lungo ore* (trabalhar *por hora*). Em ambos os casos as cabo-verdianas que conheci trabalham com contrato assinado (que lhes permitia manter os documentos italianos). Os patrões pagam o salário e os impostos (que por vezes são pagos metade pelo patrão, metade pelo empregado).



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

Sheila. Além disso, Fernanda pode contar também com o auxílio de seu pai e da companheira dele, Ana Maria – que havia criado todos os filhos de Pedro, inclusive Fernanda. Sheila tinha 4 anos quando a mãe foi para a Itália. Não podendo levar a filha consigo, ela a deixou com sua mãe, Gregória, que morava em Lisboa desde que Fernanda era pequena. Achando, porém, que Sheila ficaria mais feliz sendo criada por Pedro e Ana Maria, na primeira oportunidade que Fernanda teve de passar férias em Cabo Verde (cerca de 2 anos após a chegada na Itália), ela deixou a filha em São Vicente: lá, Sheila podia contar com o carinho dos avós maternos (isto é, do pai de Fernanda e de sua companheira) além do carinho da avó paterna, Irene (mãe de Eduardo). Quando Sheila tinha 12 anos, Fernanda relacionou-se com um angolano e engravidou de Walter (hoje 20 anos), que nasceu na Itália. Novamente a relação com seu pai-de-filho não deu certo, mas agora Fernanda já estava ambientada à Itália, não trabalhava mais *giorno e notte* e tinha sua casinha. Assim, optou por não deixar o filho em Cabo Verde e por buscar a filha em São Vicente, para que os três morassem juntos em Nápoles. Contudo, após morar vários anos longe da mãe, Sheila a chamava de Nanda, enquanto chamava Ana Maria de mãe, Pedro de pai e Irene de avó<sup>11</sup>. Talvez, nas duas conversas, o assunto mais delicado tenha sido o da relação mãe-filho/a, tema esse que, de certa forma, girava em torno de uma inquietação minha: até que ponto essas mulheres estão fora de lugar no que tange ao parentesco?

Diversas vezes perguntei a Sheila se, quando pequena, ela sentia falta da mãe ao ser criada pelos avós: “As outras pessoas não me faziam sentir essa falta. Minha mãe estava sempre presente, me ligava, enviava postais, encomendas, fazia visitas” (Sheila, entrevista, 2010). Por um lado, Sheila me diz que a falta da mãe não foi um problema para ela, por outro, afirma categoricamente que esteve sempre junto de seu filho, Stefano: “Pelo fato de ter vivido longe da minha mãe por muito tempo, não quero que meu filho fique longe de mim. Um pouco por experiência. Quero mantê-lo sempre perto” (Sheila, entrevista, 2011). Por meio da fala de Sheila é possível perceber que sua

---

11 O fato de não chamar a mãe biológica de mamãe é comum no contexto cabo-verdiano, onde os filhos são criados por mais de uma mulher e a avó (sobretudo a avó materna) exerce papel central. Conforme argumenta Lobo (2010b), a realização plena da *maternidade* em Boa Vista requer duas gerações de mulheres; além disso, exercer a maternidade em dois momentos do ciclo de vida corresponde ao exercício pleno da maternidade para uma mulher.: quando mãe ela geralmente é chamada pelo apelido e, quando avó, de *mamã*. Todavia, para Fernanda, não ser chamada de mãe era motivo de sofrimento, como será mostrado abaixo.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

opinião varia de acordo com o contexto em questão (isto é, se está falando da distância entre mãe e filho/a em abstrato, em relação a sua mãe ou a seu filho). Quando perguntei se Sheila achava que hoje em dia era mais difícil ou mais fácil deixar o filho em Cabo Verde, ela disse:

Não é uma questão de mais fácil ou mais difícil. É mesmo uma questão de necessidade. Se você vai para Cabo Verde e deixa seu filho você pode ficar tranquila porque está deixando com seu pais, seus irmãos. Mas para você é sempre difícil, porque é sempre seu filho você teve que deixá-lo obrigada, porque aqui você trabalha, se você tem um filho você não é aceita, você encontra trabalho mais facilmente se estiver sozinha. Por isso é uma questão de necessidade mesmo deixar o filho lá. (Sheila, entrevista, 2011).

Como foi dito anteriormente (**Experiências cabo-verdianas**) mulheres com filhos têm mais dificuldade em conseguir um emprego na Itália do que mulheres sozinhas. Efetivamente, além do preconceito *moral* com relação a mães solteiras, há também uma questão *prática* com relação a falta de atenção integral das mães, se comparadas às mulheres sem filhos, que podem dedicar-se integralmente ao trabalho – conforme evidencia a fala de Sheila. Contudo, ao perguntar-lhe se ela própria sofria com esse preconceito, tendo dificuldade em encontrar trabalho por manter Stefano consigo em Nápoles, Sheila respondeu:

Eu faço um raciocínio ao contrário. Muitas pessoas pensam com base nos padrões, mas eu penso ao contrário. Penso com base no meu filho. Tipo, meu filho vai para escola das 9 às 3? Então eu tenho que achar um emprego das 9 à 1, assim eu posso buscá-lo na escola. Eu penso antes nele e depois... Minha vida hoje em dia é baseada no meu filho. Se eu tenho algo para fazer à tarde, se ele dorme não marco o compromisso porque sei que ele dorme. (Sheila, entrevista, 2011)

Conforme ela argumentou, “ser uma boa filha significa ajudar os pais como e quando puder”, enquanto “ser boa mãe significa criar bem seu filho, com a devida educação, fazendo notar os limites entre o que é certo e errado, aquilo que se pode ter agora ou não” (Sheila, entrevista, 2011). Além disso, Sheila é assertiva ao afirmar que “estar perto é importante” e que seu relacionamento com Stefano é muito diferente do relacionamento entre ela e Fernanda:

É que... Meu relacionamento com meu filho é... Eu não tenho muita relação com minha mãe como tenho com meu filho. Entendeu? ... O afeto não é bem como deveria ser, o amor não é... Tem amor e afeto. Amor e afeto tem sempre. Depende dela, depende de mim... Mas com meu filho é muito diferente. Ele está sempre grudado em mim, 'mamãe isso, mamãe aquilo'. É muito diferente, muito. (Sheila, entrevista, 2011)

Ao mesmo tempo, ela sustenta que a distância entre a família que permanece em Cabo



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

Verde e a mulher que migra não afeta tanto a família:

Com a saída das mulheres a família permanece como é, não muda muito. Hoje inclusive é cada vez mais comum que você encontre seja a mãe seja a filha no mesmo lugar. Claro, a gente sente falta, mas não muda muito. A família era assim e assim ficou, um a menos foi embora, mas... A família é sempre importante. (Sheila, entrevista, 2011)

Se por um lado Sheila contou sua história com muita tranquilidade e sobriedade (essas pareciam ser marcas do seu caráter), por outro lado, Fernanda interrompeu diversas vezes sua fala, permanecendo pensativa, com os olhos úmidos. Primeiramente quando falou de sua relação com a mãe: “Tinha 9 anos quando a mãe foi trabalhar em Lisboa. [Pausa] Minha mãe, para falar a verdade, foi para Lisboa e se esqueceu de nós” (Fernanda, entrevista, 2011). Posteriormente ao falar da sua relação com a filha:

Era difícil, era triste. Claro para mim foi difícil ficar longe da minha filha. A gente sofre. O mais difícil é não ver os filhos crescer, não ter afeto. Sheila nem me chama de mãe, imagina. [pausa] Eu ficava muito preocupada com ela... Se ela estava bem... [pausa] Difícil... [pausa] Eu acho que é mais difícil ficar longe do filho na adolescência, porque você precisa segui-lo o tempo todo. Na verdade é melhor não deixá-los de forma alguma, mantê-los com você! (Fernanda, entrevista, 2011)

Fernanda falava com muito pesar da distância que marca, até hoje, sua relação com Sheila:

Meu segundo filho sempre esteve comigo porque, deixar outro filho não, eu não quis. Eu fiz muitos sacrifícios, foi duro, mas eu disse, esse eu quero criar, Sheila não fui eu que criei. Eu a deixei quando tinha quatro anos, fui buscá-la de volta quando tinha 15 e agora ela tem 32. Eu decidi buscá-la porque minha família em Cabo Verde me diziam que ela estava mal, porque ela pensava que depois eu iria me esquecer dela. 'Agora nasceu Walter e minha mãe não vai pensar mais em mim'. Nessa idade é um pouco... Sheila me chama pelo nome Nanda, e Walter me chama mamãe. Isso é por causa da pessoa que criou ela... Quem criou tinha que dizer, 'olha ela é sua mãe, chama ela de mamãe'. (Fernanda, entrevista, 2011)

Quando perguntei a Fernanda se criar um filho de perto ou de longe muda a relação, ela disse que sim:

Dá para ver, porque a Sheila não tem muito amor. Ela nem me chama de mamãe. Já Walter, me chama de mamãe, mas... Não sei se eu os criei bem. Sei lá... [...] O que eu comprava pro Walter comprava para Sheila e mandava. Nunca fiz diferença. Mas de perto você se sente realmente mãe, porque você que está criando. Mas aquela que você não criou... Em parte temos também que entender, porque nós a deixamos quando era pequena [Sheila] e fomos buscar quando já era mocinha... Importante não fazer distinção. (Fernanda, entrevista, 2011)

Apesar de ter sofrido (e ainda sofrer) pelas consequências acarretadas pelo fato de ter vivido longe da filha e por não tê-la criado, Fernanda de certo modo reprova a filha por



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

jamais ter se separado de Stefano:

Quando o Stefano nasceu eu disse, me dá seu filho e termina de estudar. Mas ela disse que não. Eles não escutam os pais. Tudo bem como você quiser. Eu teria pego o Stefano, teria colocado ele no maternal, teria ido trabalhar e depois teria ido buscá-lo. Ela disse que não. Por que não? Não sei. Talvez porque não quisesse deixá-lo, talvez porque lembre que eu a deixei. Eu acho. Porque não é que ela fala comigo... Ela não me diz nada, nada, nada. (Fernanda, entrevista, 2011)

As falas de Sheila e Fernanda permitem refletir ainda sobre uma ulterior questão: até que ponto essas mulheres estão fora de lugar no que tange ao Estado-Nação?

Mãe e filha afirmam com orgulho que são cabo-verdianas, enfatizam os aspectos positivos de sua terra e os negativos da Itália. Sheila diz: “Me sinto africana, cabo-verdiana, 100%, mesmo tendo morado mais tempo aqui que lá, ainda sim, eu nasci lá, não aqui” (entrevista, 2011). Fernanda sustenta: “Cabo Verde é linda [...] a infância, os amigos, o mar. [...] Aqui é difícil porque se você tem trabalho come, se não tem não come. [...] Aqui você tem que se virar sozinha, ninguém te ajuda” (entrevista, 2011).

Ainda a esse respeito Sheila argumenta:

para mim, ser cabo-verdiana é o máximo! [...] Não me sinto nem um pouco menos cabo-verdiana por ter vivido tanto tempo fora. [...] Sou cabo-verdiana de fato e de direito. O único documento italiano que tenho é o visto (*permesso di soggiorno*). Não me sinto napolitana porque não me sinto italiana, nem com documento. Não faz sentido falar em um conflito de identidade cabo-verdiana e italiana. Mesmo se eu tiver cidadania italiana (mas acho que eu nunca terei), de qualquer forma eu seria cabo-verdiana. Eu já tinha direito à cidadania quando eu estudava, fiz o pedido e não aceitaram. (Sheila, entrevista, 2011)

É interessante notar que, quando perguntei a Fernanda se, depois de todos esses anos na Itália, ela se sentia italiana, ela disse que “não, porque não te fazem sentir assim”. Sua fala dá a entender que seu sentimento de pertencimento a Cabo Verde independe do fato de nascer e viver (ou não) no arquipélago. Ao mesmo tempo, seu sentimento de não pertencimento à Itália parece influenciado também pela forma como os italianos a percebem:

Apenas algumas pessoas aqui na Itália, 1 em cada 100 é humana. [...] Um ser humano que te vê como uma pessoa que não diz “negra, volta pro seu país”. Pelo menos às vezes você encontra alguém que te trata bem aqui. (Fernanda, entrevista, 2011)

Stefano herdou a cidadania do pai angolano, Marco, e usufrui dos mesmos direitos que Marco, no que tange a sua mobilidade e a suas possibilidades de residência, estudo e trabalho no exterior. Segundo Sheila:



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

Stefano pegou a cidadania portuguesa do pai, que é angolano. Não pegará a cidadania italiana, não terá problemas, não precisa. Com o fato de que teria que esperar até os 18 anos<sup>12</sup>, o que lhe interessa? Ele já tem a portuguesa. Stefano é meio que um misto: é filho de uma cabo-verdiana com um angolano, cidadania portuguesa, nascido na Itália. É um filho do mundo, é um misto (Sheila, entrevista, 2011).

Stefano vive uma situação parecida com a do tio, Walter (filho de Fernanda). Ambos nasceram em Nápoles de pais estrangeiros, portanto não adquirem automaticamente a cidadania italiana. Já que Stefano é cidadão português (pois o pai tem cidadania portuguesa), Sheila não acha necessário que ele tenha também a italiana. Além disso, ela dá a entender que, já que ele pode usufruir dos mesmos benefícios com a cidadania portuguesa, *não vale a pena* passar pela burocracia necessária para obter também a italiana. Independentemente das cidadanias que detêm, Walter e Stefano são definidos por suas mães como cabo-verdianos, embora não sejam naturais de nenhuma ilha em Cabo Verde. Essa é situação é comum a toda a chamada 'segunda geração'<sup>13</sup> os quais são englobados (inclusive por mim, nesse texto) dentro da categoria genérica 'cabo-verdiano/a':

Em que sentido seu filho, Walter, é cabo-verdiano, mesmo tendo nascido aqui? Não sei, talvez porque crescem nesses hábitos cabo-verdianos. E ele nasceu aqui, fala bem crioulo, come bem a comida de Cabo Verde, esteve em Cabo Verde 4 vezes. Eu fazia a comida em casa, eu eduquei, criou esse hábito. Isso é importante porque quando ele vai para Cabo Verde ele sabe falar, não tem problema para comer. As pessoas em Cabo Verde não vêem nem ele nem a gente como diferente. (Fernanda, entrevista, 2011).

Sheila e Fernanda não se consideram migrantes e quando perguntada quanto a essa categoria, Sheila afirma: “Nem penso nisso. Penso que estou aqui em um lugar que não é meu. Estou aqui emprestada”. Por sua vez, Fernanda sustenta que se diz “simplesmente uma pessoa que foi trabalhar fora. Não gosto dessa palavra migrante. Não sei...”. Segundo Sheila, as pessoas “saem de Cabo Verde por uma questão histórica, as pessoas saem para procurar trabalho”. Quando a isso Fernanda argumenta:

Esse é o jeito dos cabo-verdianos: sair de Cabo Verde para construir alguma coisa e depois voltar. Assim você pode ajudar sua família. Eu ajudei meu pai, meu irmão, minha irmã e eles disseram, agora chega, agora pensa em você. Sim porque se você sai você tem possibilidade de ajudar sua família. Importante também para mim mesma, para estar bem, você ganha mais, você

12 De acordo com a legislação italiana, uma criança nascida em território italiano de pais estrangeiros, precisa residir legalmente na Itália durante 18 anos e só então pode *requerer* a cidadania italiana (que será concedida apenas se documentos estiverem corretos e o requerente tiver se mantido em dia com o pagamento de todas as taxas necessárias).

13 A categoria 'segunda geração' por vezes é adotada também para definir casos como o de Sheila, filha de mãe migrante, nascida porém, em Cabo Verde, ainda que atualmente residente na Itália.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)Igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

pode fazer o que quer. (Fernanda, entrevista, 2011).

Nenhuma das duas disse ter tido dificuldades particulares em adaptar-se à vida na Itália ou ao trabalho doméstico. Contudo, Sheila disse que:

A única dificuldade na Itália é o trabalho. Nunca estive sem trabalho mas nunca encontrei um trabalho que eu quisesse fazer. Aqui dão sempre prioridade para alguém que mora aqui, entre eu e um napolitano escolhem um napolitano porque é napolitano. Aqui não te dão a possibilidade de crescer, de se realizar, de fazer o que você é capaz. (Sheila, entrevista, 2011)

Por fim, quando estimei Fernanda a refletir sobre a forma como a experiência delas em Nápoles contribui para Cabo Verde e para a Itália, ela me forneceu a seguinte opinião:

Os anos de vida que eu perdi em Cabo Verde eu dediquei à Itália. Foram mulheres cabo-verdianas que *criaram* muitos filhos italianos. [...] Imigração também fez *crescer* Cabo Verde. Você ganha aqui [na Itália] vai para Cabo Verde e investe lá. *Cria* coisas lá. Muitos vieram e agora têm bar, restaurante. Todos que trabalham aqui têm casa, alugam casas, construíram alguma coisa. (Fernanda, entrevista, 2011 – grifos meus).

### Vidas em jogo

A pergunta que norteia minha pesquisa de mestrado não é gratuita. As cabo-verdianas na Itália estão *fora de lugar*? Seria esse o aspecto que acomuna todas as experiências de pessoas em trânsito? Conforme aponta De Genova (2005) os estudos migratórios parecem trazer implicitamente uma resposta a essa pergunta: sim, os migrantes são pessoas *deslocadas*, logo, as cabo-verdianas na Itália estão *sim* fora de lugar. Meu objetivo, contudo, não simplesmente inverter essa dicotomia entre *fora* e *dentro* de lugar, sustentando que cabo-verdianas na Itália *não* estão fora de lugar. Como aponta a argumentação construída ao longo desse texto, em alguns momentos e em alguns sentidos as cabo-verdianas na Itália estão *sim* fora de lugar, em outros *não*.

Essas mulheres vivem longe de seus filhos, irmãos, pais e companheiros mas, exatamente por estar longe, elas podem ajudar sua família, estando perfeitamente *dentro* de seu lugar de parentesco, correspondendo às expectativas que elas tem quanto ao que é ser uma boa mãe, irmã, filha e companheira. Nem por isso, contudo, elas deixam de sentir a saudade e a inseguranças inerentes à distância - como nas relações conjugais ou consanguíneas mantidas à distância, conforme ilustram a fala de Sheila e a etnografia de Lobo (2007). Tampouco por isso, elas deixem de sofrer as consequências do fato de estar longe e de não criar o filho, como no caso de Fernanda. Efetivamente, o



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

sofrimento com a distância, apesar de não mudar necessariamente a (estrutura da) família, estimula as mulheres a repensar a decisão de permanecer distante. Frequentemente elas se sentem sim *fora* de lugar, ao estar longe de seus filhos e companheiros. Finalmente, ao morar distantes de seu país, as cabo-verdianas na Itália continuam *dentro* do lugar, pois, como diz Fernanda “sair é o jeito dos cabo-verdianos”. Mesmo no exterior, essas mulheres continuam sendo cabo-verdianas (com orgulho) e continuam ensinando seus filhos a serem cabo-verdianos. Além disso, elas fazem crescer Cabo Verde e também a Itália: elas não têm problemas de adaptar-se à vida italiana e percebem o fato de ser italiano (materializada na cidadania) como um “algo a mais”, não como algo a menos ou como um dilema num jogo de forças zero, no qual se é *ou* cabo-verdiano *ou* italiano. Porém, diversas vezes essas mulheres se sentem *fora* de lugar, quando são imobilizadas pela burocracia italiana, quando são impossibilitadas de exercer outro emprego que não o de empregada doméstica, quando percebem que não são tratadas como uma pessoa, quando são taxadas de *negras* e quando são discriminadas pelo simples fato de não serem napolitanas.

A experiência das cabo-verdianas na Itália apresenta inúmeras dimensões que não foram tratadas nesse texto. Em ulteriores trabalhos, pretendo aprofundar a inserção dessas mulheres no mercado de trabalho italiano, as relações que elas estabelecem nas casas onde trabalham, a rotina que criam na Itália, o impacto da recente crise econômica sobre suas vidas em Nápoles. O texto que acabo de construir, pretendeu ser menos um trabalho sobre os cabo-verdianos na Itália, e mais uma reflexão sobre o meu *ponto de vista* crítico acerca da maneira como grande parte do senso comum e da teoria antropológica aborda a migração.

Minha história e minha vivência com minha mãe *e* com as cabo-verdianas na Itália me levaram a relativizar as categorias de *dentro e fora* de lugar, pois pensar nesses termos a vida de pessoas (como Annamaria, Mimina, Sheila ou Fernanda) não me parece condizente com suas (nossas) vivências: elas me parecem ser feitas menos de limites e de faltas do que de opções e limitações, sentimentos, constrangimentos, escolhas e ambiguidades. Como afirmei no início desse texto, a experiência da minha mãe apresenta proximidades com as experiências das 'cabo-verdianas' com quem convivi em Nápoles. Todavia, não é possível deixar de lado as diferenças que ambos os casos



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

apresentam. Minha mãe não vive longe de sua filha, não é vista como negra, nem se sente impossibilitada de exercer empregos correspondentes à sua formação. Nesse sentido, concluo esse texto deixando em aberto algumas questões: seria possível desconsiderar as diferenças entre esses fluxos e movimentos para incluí-los todos sob a rubrica única de “fenômenos migratórios” - ou em sua versão revisitada, “fluxos transnacionais”? Esses movimentos correspondem a um objeto de estudos específico que deve ser abordado a partir de um campo de estudos autônomo (fenômenos migratórios ou fluxos transnacionais) ou podem ser englobados em uma única teoria antropológica, sem dissociá-los das dinâmicas sociais, culturais, econômicas, jurídicas e políticas, às quais estão relacionados?

### Referências Bibliográficas

BÁLSAMO, Pilar Uriarte. *Perigoso é não correr perigo: experiências de viajantes clandestinos em navios de carga no Atlântico Sul*. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2009.

CARITAS/Migrantes, Africa-Italia. *Scenari migratori*, Roma: Edizioni Idos, 2010.

CARLING, Jorgen & BATALHA, Luís. Cape Verdean Migration and Diaspora. In: \_\_\_\_\_. *Transnational Archipelago*. Perspectives on Cape Verdean Migration and Diaspora. Amsterdam University Press, 2008.

DE GENOVA, Nicholas. 2005. *Working the boundaries. Race, space, and 'illegality' in Mexican Chicago*. Durham: Duke University Press.

LOBO, Andréa. *Tão Longe, Tão Perto: organização familiar e emigração feminina na Ilha da Boa Vista - Cabo Verde*. Tese (Doutorado em Antropologia) - Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

\_\_\_\_\_. “Um filho para duas mães? Notas sobre a maternidade em Cabo Verde”. *Revista de Antropologia*. Vol. 53, n.1, p. 115-145, 2010.

MONTEIRO, C. A. *Comunidade Imigrada*. Visão sociológica: o caso da Itália. São Vicente: Gráfica do Mindelo, Lda, 1997.

\_\_\_\_\_. TRAJANO FILHO, Wilson (org). *Lugares, pessoas e grupos: as lógicas do pertencimento em perspectiva internacional*. Brasília: Athalaia Gráfica e editora, 2010.